

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 27 • 2020



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2020

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 27 • 2020 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

A OFICINA CAMPANIFORME DE INSTRUMENTOS DE SÍLEX DO ALTO DO CIDREIRA, CASCAIS¹

THE BEAKER WORKSHOP OF FLINT INSTRUMENTS IN ALTO DO CIDREIRA, CASCAIS

Nuno Neto*, Paulo Rebelo* & João Luís Cardoso**

Abstract

The excavations carried out in Alto do Cidreira, Cascais, in 2007 led to the identification of a domestic unit implanted at the top of a south-facing slope, constituted by a fireplace protected from the NW winds by a possible windbreak. These two structures were located in the open air, certainly in the vicinity of a hut that was not identified during the excavation.

The almost exclusive occurrence of incised beaker ceramics and from where the fine productions associated to maritime vases are completely absent has parallels in other domestic sites spread across the fertile region located along the north bank of the Tagus mouth and corresponds to the less differentiated segment of the population, whose elites, associated with fine productions, would occupy the fortified villages of the region, such as that of Leceia.

This is the first evidence of a beaker workshop specialized in the preparation of artefacts identified in Portuguese territory, as indicated by the hundreds of chipping flakes from flint cores, an abundant raw material obtained in the Cretaceous formations of the surrounding region, often exhibiting heat treatment. This feature explains the existence of the identified combustion structure.

To reinforce this conclusion, two sketches of artefacts were collected, which are added to the few flint instruments identified whose remarkable diversity is explained by the fact that they correspond to the set used by the specialized community that during a short period of time frequented this place.

1 - INTRODUÇÃO

No âmbito da elaboração de um estudo de salvaguarda do sítio arqueológico romano do Alto do Cidreira (Cascais) – Imóvel Classificado como de Interesse Público (Decreto-Lei n.º 26-A/92, de 1 de Junho), bem como a requalificação urbana da zona de Carrascal de Alvide, foi solicitada pela Câmara Municipal de Cascais aos proprietários dos imóveis situados dentro da Zona Especial de Protecção da *Villa* romana do Alto do Cidreira a execução de trabalhos arqueológicos, que possibilitassem a avaliação do potencial arqueológico do local tendo em vista a posterior definição das áreas susceptíveis de serem urbanizadas.

¹ A redacção deste trabalho foi assegurada pelo terceiro signatário, recorrendo a informação fornecida pelos dois primeiros signatários no respeitante aos resultados obtidos na escavação, por estes dirigida, incluindo plantas e fotografias. Os desenhos dos espólios arqueológicos são da autoria de Filipe Martins.

* Neoépica, Lda. neoepica@gmail.com

** Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).
cardoso18@netvisao.pt

Os trabalhos arqueológicos realizaram-se em 2007 e dividiram-se em várias fases, consistindo a primeira em trabalhos de desmatamento e prospecção, seguidos da abertura de valas mecânicas de diagnóstico. No seguimento destas valas foi possível identificar diversos vestígios arqueológicos, de entre os quais se destaca o troço de um canal de condução de água e um poço, ambos de época romana, bem como uma necrópole dos séculos III/IV d.C. Na área objecto do presente estudo, a época pré-histórica está representada por estrutura campaniforme atribuível a um abrigo/cabana, que é o objecto deste estudo.

2 - LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE ARQUEOLÓGICO ENVOLVENTE

O local interessado por este estudo situa-se no limite Este do artigo matricial n.º 3906-Oeste, no denominado Bairro do Pocinho, com as seguintes coordenadas geográficas: latitude: 38°43'17"N; longitude: 9°25'24"W; altitude: 109 m (Fig. 1).

Trata-se de área de suave pendor para sul, adjacente ao Alto do Cidreira, pequeno outeiro onde se implanta parte da *villa* romana do mesmo nome, correspondente a afloramentos do Cretácico (Cenomaniano inferior e médio).

Na região envolvente, não são raras as ocorrências comparáveis da mesma época e contendo o mesmo tipo de produções cerâmicas campaniformes, dominadas pela técnica incisa (Fig. 2).



Fig. 1 - Imagem satélite do local em análise (a vermelho) com localização da *villa romana* do Alto do Cidreira (a azul).

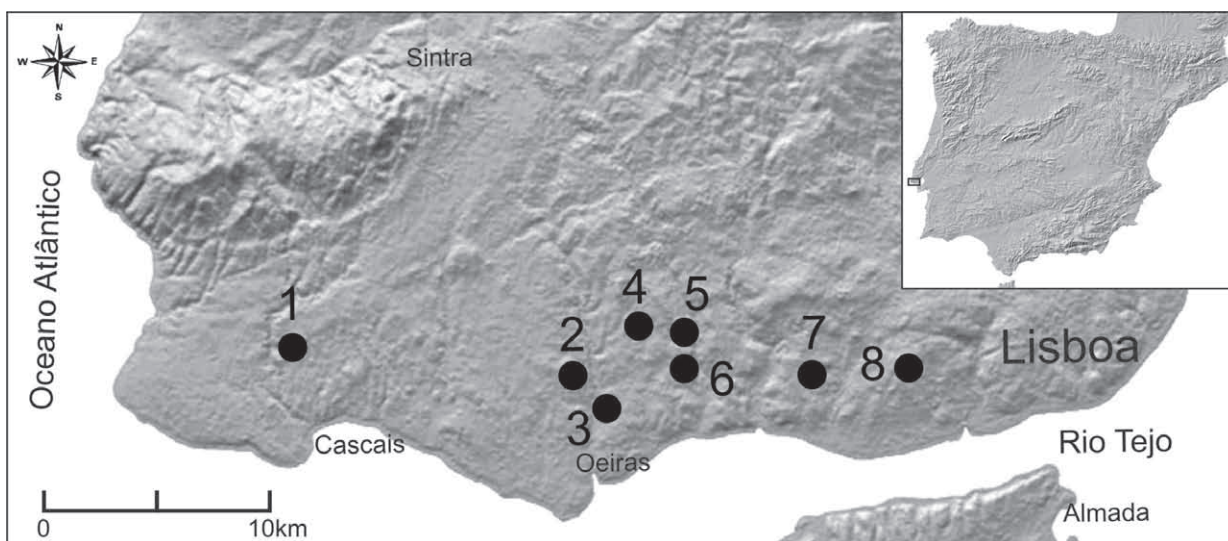


Fig. 2 – Localização das principais estações campaniformes da região ribeirinha da margem norte da foz do Tejo com presença dominante ou exclusiva das produções cerâmicas incisas. 1 – Alto do Cidreira; 2 – povoado de Freiria; 3 – gruta funerária da ponte da Laje; 4 – casal agrícola de Leião; 5 – cabana EN do povoado fortificado de Leceia; 6 – casal agrícola do Monte do Castelo; 7 – Casal de Barronhos; 8 – povoado de Montes Claros.

Sendo possível que a única estrutura habitacional identificada e escavada seja apenas uma de várias existentes na área em causa, o local mais próximo onde se identificaram estruturas habitacionais coevas corresponde ao povoado campaniforme aberto de Freiria, também ele situado numa suave encosta com pendor para sul (CARDOSO; CARDOSO & ENCARNACÃO, 2013). É muito provável que a necrópole deste povoado correspondesse à gruta da Laje, dada a semelhança tipológica dos espólios campaniformes recolhidos (CARDOSO, 2013). Já no vizinho concelho de Oeiras, assinala-se, com implantação comparável, o Monte do Castelo, correspondente à presença de um pequeno casal agrícola campaniforme, das vários que ali poderiam também ter existido (CARDOSO; NORTON & CARREIRA, 1996). Este local situa-se cerca de 700 m para sul do importante povoado fortificado de Leceia, onde uma das duas cabanas campaniformes exploradas na área extramuros se caracterizava pela presença exclusiva das produções campaniformes incisas (CARDOSO, 1997/1998); mais para nascente, na estação de Casal de Barronhos, que se implantava nas férteis terras basálticas da encosta direita da ribeira de Algés, recolheu-se profuso conjunto de produções decoradas campaniformes, nas quais as produções incisas se encontram bem representadas, a par da técnica a ponteados (CARREIRA; CARDOSO & LOPES, 1996). Enfim, já no vizinho concelho de Lisboa merece destaque o povoado de Montes Claros, situado no topo de uma elevação dominando a embocadura do Tejo, onde o notável conjunto cerâmico campaniforme ali identificado é igualmente dominado pelas produções incisas (CARDOSO, 1995; HARRISON, 1977; JALHAY; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L., 1944; JALHAY & PAÇO, 1947).

Pode assim concluir-se que a ocupação doméstica campaniforme identificada em 2007 no Alto do Cidreira e agora objecto de estudo, se integra numa rede de povoamento que abarcaria as encostas dos outeiros ribeirinhos da margem norte do estuário do Tejo, caracterizada por pequenos casais agrícolas dispersos, ou povoados abertos, implantados em solos férteis, calcários ou basálticos, cuja exploração agro-pecuária era destinada ao auto-abastecimento, incluindo a satisfação das necessidades alimentares das populações que, ao longo de toda a segunda metade do 3.º milénio a.C. ocupavam os povoados fortificados, de que se destaca, no espaço geográfico em causa, o de Leceia (CARDOSO, 2014).

3 – TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

A intervenção arqueológica decorreu entre os meses de Abril e Agosto de 2007 estando a cargo da empresa Neoépica, Lda. e foi realizada até ao substrato geológico, com recurso a meios manuais, por decapagem de camadas arqueológicas com o registo de todas as unidades estratigráficas identificadas.

Os trabalhos iniciaram-se com a abertura de valas preliminares de diagnóstico, que permitiram a identificação de estruturas pétreas cuja escavação se efectuou numa segunda fase através de escavação em extensão. Esta foi realizada por camadas artificiais de cerca de 10 cm, sendo crivadas todas as terras, registadas as estruturas identificadas e geo-referenciados todos os utensílios pré-históricos recolhidos.

3.1 – Estratigrafia e estruturas arqueológicas

Aquando da abertura das valas preliminares de diagnóstico foi identificado um alinhamento de pedras, cujos níveis superiores apresentavam materiais cerâmicos rolados, de cronologia romana a contemporânea, bem como escassos espólios pré-históricos. Os níveis inferiores, junto à base do alinhamento forneceram algum material lítico e cerâmico pré-histórico. A esta área atribuiu-se a denominação de sondagem III, tendo os trabalhos nela realizados conduzido à identificação de duas etapas bem diferenciadas:

Fase 2 – logo sob a camada superficial [300], encontrou-se a camada [301]. Os materiais cerâmicos recolhidos integram-se no período romano (cerâmica comum e cerâmica de construção) e apresentam-se rolados ou muito rolados, juntamente com materiais de cronologia contemporânea e pré-histórica. Trata-se, pois, de depósitos modernos, integrando materiais de várias épocas.

Fase 1 – sob os depósitos modernos encontraram-se contextos não remexidos de cronologia pré-histórica. A sua escavação levou à identificação de uma estrutura reportável a um pára-vento associado a uma lareira, de época campaniforme, tendo consideração a decoração e tipologia dos materiais cerâmicos associados.

Os níveis superiores do contexto pré-histórico assim identificado embalavam, a par de materiais pré-históricos, abundantes elementos pétreos, distribuídos de forma caótica, que deviam corresponder ao derrube da parte mais alta da correspondente estrutura habitacional. Com a remoção deste nível de derrube, identificou-se um alinhamento de elementos de calcário, de arenito e de rocha básica com disjunção esferoidal com orientação NE-SW, o qual pode ser interpretado como pára-vento. Do seu lado SE foi aberta uma “cuvette” de forma circular, escavada no substrato rochoso, definida na Fig. 3 por duas linhas curvas, reproduzindo em planta a sua profundidade; no interior da mesma, identificaram-se três buracos de poste, assinalados na Fig. 4, possuindo tamanhos muito distintos, os quais terão servido de suporte a uma estrutura em material perecível. Num dos buracos de poste foi registada *in situ* uma lasca que terá servido de cunha. No lado norte da “cuvette” e ocupando a sua parte mais funda, observou-se uma estrutura de combustão, de contorno irregular, tendencialmente sub-circular, constituída por diversos elementos pétreos, igualmente irregulares e heterométricos, assinalados com sobrecarga cinzenta na Fig. 4. Junto desta estrutura de combustão registou-se uma fina camada de cinzas e carvões, onde se recolheu material para datação pelo radiocarbono.

Deste modo, os três buracos de poste abertos no interior da “cuvette” onde se instalou a referida estrutura de combustão devem relacionar-se com a montagem de um tripé, provavelmente para suspender produtos cozinhados sobre o fogo, ou um dispositivo destinado ao prévio aquecimento dos blocos de sílex ulteriormente lascados.



Fig. 3 – Alto do Cidreira. Vista geral das unidades estratigráficas [303], [311] e [316]. Destaca-se a estrutura de combustão observada no limite NE da estrutura linear correspondente a possível pára-vento.

Os materiais cerâmicos recolhidos na adjacência ou no enchimento destas estruturas – pára-vento e lareira – apresentam-se com fracturas vivas, sem sinais de rolamento, tendo-se mesmo recolhido fragmentos de grandes dimensões, alguns dos quais possibilitaram colagens. Este tipo de dados permite-nos concluir que estamos perante contextos pouco revolvidos, com um enquadramento cultural e cronológico fiável.

O alinhamento de blocos identificado, com cerca de 3 m de comprimento e orientação aproximada NE-SW é compatível com o embasamento de um pára-vento, que protegeria a estrutura de combustão instalada do seu lado SE dos ventos dominantes de NW, na hipótese, como tudo indica, de o conjunto se situar a céu aberto. A ser assim, o mesmo relacionar-se-ia com uma cabana, que deveria situar-se nas imediações, podendo corresponder a uma unidade de planta circular como as identificadas no vizinho povoado de Freiria, as quais possuíam lareiras interiores (CARDOSO; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013), ou a cabana de planta elipsoidal, como as identificadas em Leceia, na área extramuros do recinto fortificado (CARDOSO, 1997/1998).

3.2 – Espólios arqueológicos e seu significado

3.2.1 – Indústria de pedra lascada

Na Fig. 4 indica-se a localização dos instrumentos de pedra lascada recolhidos no contexto habitacional acima descrito e na Fig. 5 reproduz-se a totalidade daqueles exemplares. Embora em escasso número, a maioria deles concentrava-se do lado sul e exterior ao espaço correspondente à estrutura habitacional identificada, sugerindo que a área de trabalho se situava nessa zona.

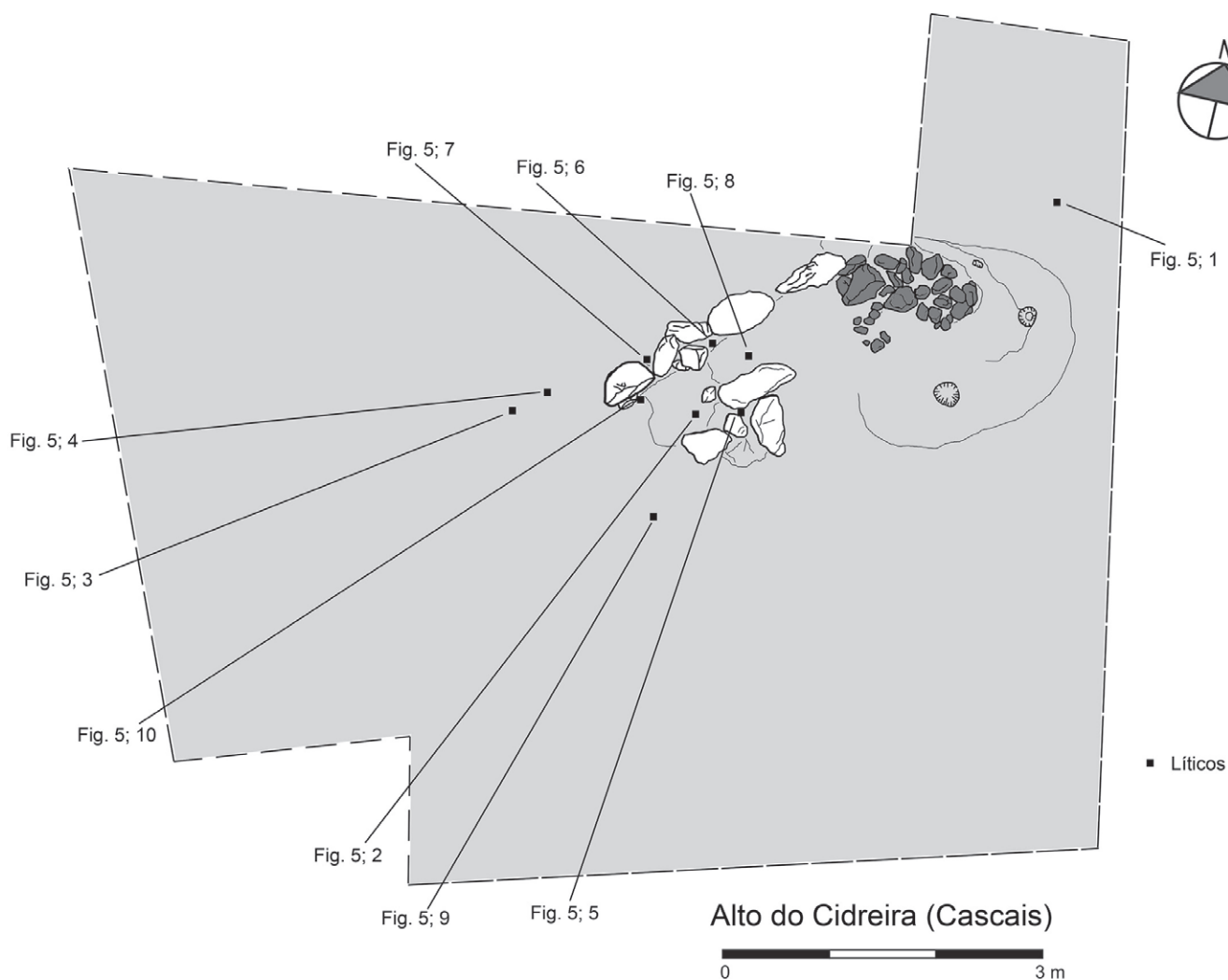


Fig. 4 – Alto do Cidreira. Localização dos utensílios de pedra lascada na planta da área intervencionada.

Está comprovado o talhe intenso no local do sílex, como indica as centenas de subprodutos de talhe recolhidos, representados por esquírolas e rebotalhos, com a presença frequente de exemplares com vestígios de tratamento térmico, o qual se pode relacionar com a estrutura de combustão identificada e abaixo descrita. Em reforço desta hipótese, pode invocar-se a presença de um núcleo de lamelas (Fig. 5, n.º 6), de sílex rosado, e sobretudo a ocorrência de dois esboços de instrumentos: uma possível ponta de seta inacabada de sílex cinzento (Fig. 5, n.º 8) e uma folha bifacial de contorno sub-rectangular, igualmente inacabada (Fig. 5, n.º 9). Estas duas peças, face à exígua amostra de utensílios recolhidos, reforça a importância do local como oficina de preparação de artefactos líticos, sublinhada pela já referida abundância de subprodutos de talhe recolhidos.

Contrastando com a abundância dos subprodutos de talhe, o número de utensílios recolhidos é muito escasso, apesar da sua assinalável diversidade pois apenas se identificaram as seguintes peças: uma lamela (Fig. 5, n.º 4), de sílex branco; um fragmento de lâmina retocada e incompleta numa das extremidades (Fig. 5, n.º 3); uma lasca laminar com ambos os bordos retocados por levantamentos sobretudo inversos (Fig. 5, n.º 5), de sílex rosado; um furador alongado totalmente retocado ao longo de ambos os bordos laterais, com ponta

espessa, de sílex castanho (Fig. 5, n.º 7); uma pequena lasca com bordo distal denticulado (Fig. 5, n.º 1); um fragmento de folha bifacial incompleta, de base plana (Fig. 5, n.º 10); e, por último, uma lasca alongada com bordo finamente denticulado ostentando “brilho de cereal” (Fig. 5, n.º 2). Tais são os instrumentos que se encontravam em uso pelo pequeno grupo que ocupou o espaço doméstico em apreço.

O exemplar com bordo finamente serrilhado e “lustre de cereal” junta-se a outros, de bordo mais ou menos serrilhado, conhecidos em diversos contextos calcolíticos e cuja atribuição a elementos de foice se encontra

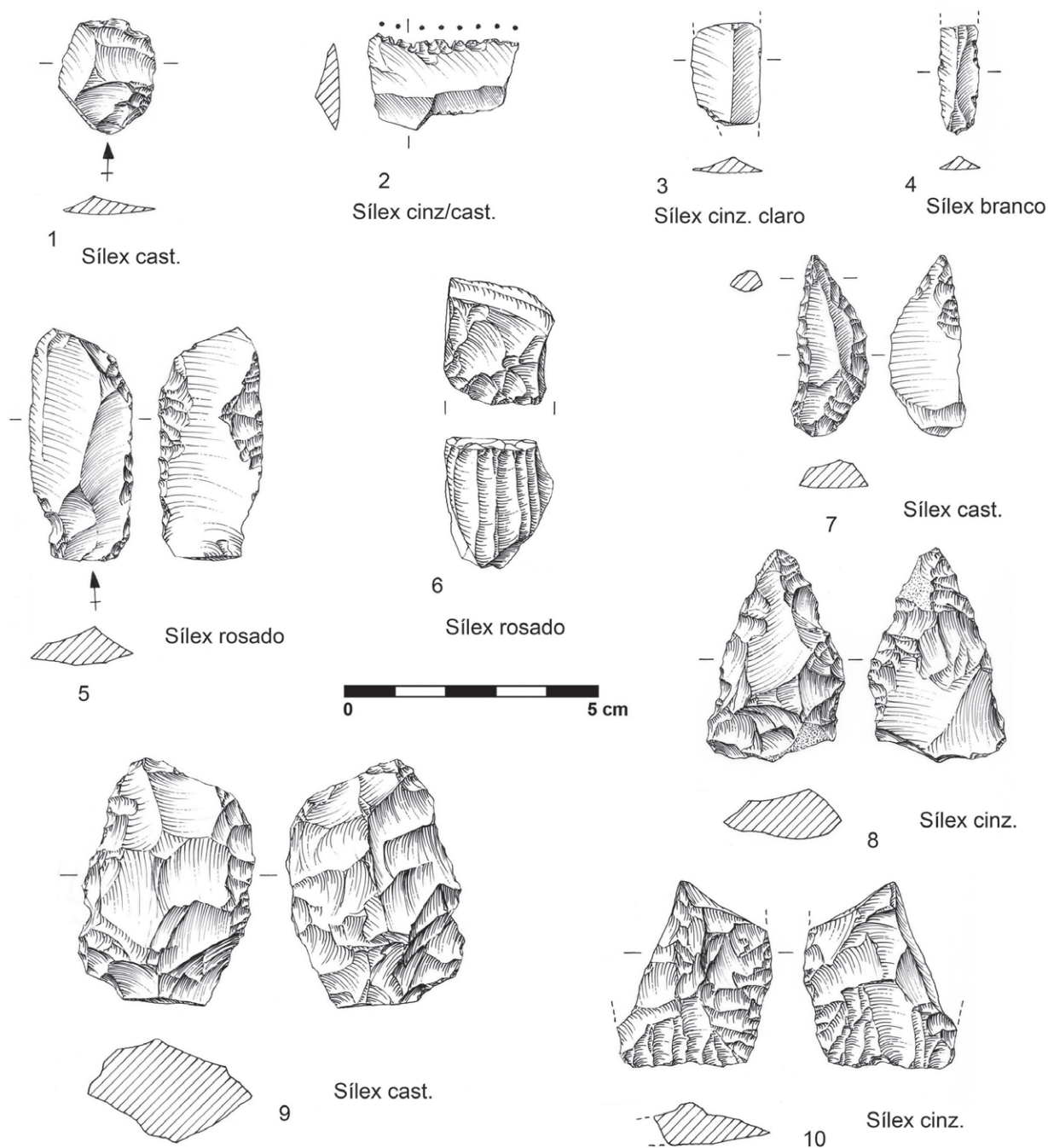


Fig. 5 – Alto do Cidreira. Indústria de pedra lascada, executadas sobre sílex de origem local ou regional. Desenhos de F. Martins.

fundamentada pela sua semelhança com os gumes serrilhados das lascas que, no Bronze Final, serviam àquela finalidade. Em contextos campaniformes citam-se, entre outros paralelos, as duas lâminas com bordo serrilhado e “brilho de cereal”, de Freiria (CARDOSO; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, Fig. 8, n.ºs 15 e 27), para além de mais dois exemplares de pequenas dimensões e bordos direitos (op. cit., Fig. 8, n.ºs 24 e 25) e o conjunto de duas lâminas recolhidas ainda em conexão, por certo originalmente inseridas no mesmo cabo, também com gumes fortemente serrilhados, encontradas em depósito de uma alabarda identificado no povoado dos Perdigões (VALERA; BOTTAINI & BASÍLIO, 2020, Fig. 5). Em contextos calcolíticos, com ou sem campaniforme, são de mencionar os exemplares laminares com um dos bordos fortemente serrilhado recolhidos no povoado fortificado de Vila Nova de S. Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 11, n.º 42 a 47), bem como diversas lâminas oriundas de Leceia, as quais, embora desprovidas de serrilhado, ostentam o característico “brilho de cereal” num dos bordos laterais (CARDOSO & MARTINS, 2013, Fig. 28, n.º 17), indício da sua utilização como elemento de foice, recolhido em contexto do Neolítico Final, o qual permite traçar um elo de ligação para os pequenos exemplares do Neolítico Antigo, que integravam as mais antigas foices do Ocidente peninsular (CARVALHO; CARDOSO & GUIBAJA, 2013). Pode, assim, considerar-se como inovação tecnológica a introdução da serrilha, no decurso do Calcolítico, em exemplares laminares destinados a serem utilizados como elemento de foice, inovação que persistiu até ao Bronze Final, embora tratando-se neste caso de exemplares exclusivamente sobre lasca.

3.2.2 – Indústrias cerâmicas

3.2.2.1 – Cerâmicas lisas

Na Fig. 6 apresenta-se a distribuição espacial pela área escavada das produções de cerâmicas lisas, na Fig. 7 a tipologia dos recipientes que foi possível identificar com base na sua reconstituição gráfica e na Fig. 8 a respectiva distribuição quantificada por tamanhos.

Apenas um recipiente, correspondente a vaso esférico (Fig. 7, n.º 6), se apresentava em condições de poder ser completamente definido, recolhido, por certo relacionado com a estrutura de combustão identificada, dado ter sido recolhido na área imediatamente adjacente à mesma.

É interessante notar que a maioria dos fragmentos de recipientes cerâmicos recolhidos se distribuem na área circundante da estrutura, concentrando-se do seu lado S, sugerindo que as actividades domésticas, designadamente o consumo de alimentos e os consequentes despejos se concentrariam desse lado, tal como se verificou com os produtos líticos.

No conjunto dos 34 fragmentos com recorte tipológico definido, a maioria pertence a vasos esféricos com dimensões médias, inferiores a 20 cm, encontrando-se a outra forma fechada representada por vasos campaniformes lisos, o que perfaz um total de 19 fragmentos correspondentes a formas fechadas.

As outras duas formas identificadas correspondem a variantes taça em calote; a mais abundante está representada por 11 exemplares de paredes finas, provavelmente destinadas a beber; a outra variante, mais grosseira, com apenas 4 exemplares compulsados, destinar-se-ia provavelmente à confecção de alimentos, provavelmente à base de farináceos, hipótese que é compatível com as maiores dimensões dos exemplares, pois dois deles possuem diâmetros entre 20 e 40 cm.

A panóplia assim caracterizada corporizará o conjunto dos recipientes em uso pela pequena comunidade que ocupou o espaço em apreço.

A este conjunto somam-se as produções cerâmicas decoradas.

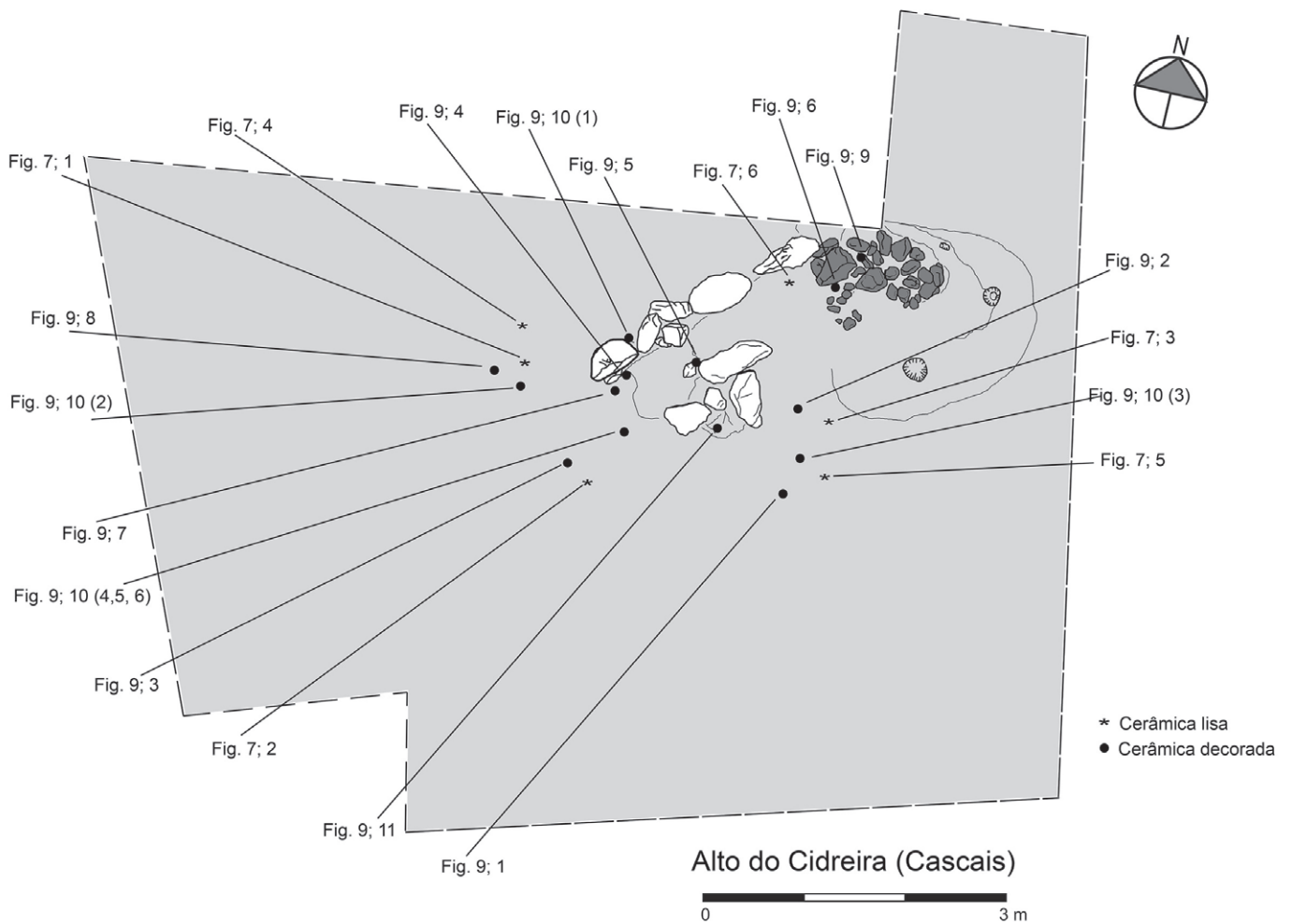


Fig. 6 – Alto do Cidreira. Localização das produções cerâmicas, lisas e decoradas, na planta da área intervencionada.

3.2.2.2 – Cerâmicas decoradas

Na Fig. 9 reproduzem-se todos os fragmentos decorados recolhidos no decurso da escavação. Está quase exclusivamente presente o estilo campaniforme inciso, o qual se encontra aplicado a duas grandes categorias de recipientes:

- caçoilas de grandes e médias dimensões, representadas pelos exemplares da Fig. 9, n.ºs 10 e 14, com decorações geométricas incluindo bandas não preenchidas horizontais em zigue-zague, usuais neste tipo de recipientes, associadas a faixas obtidas pela impressão de matrizes. Esta, no exemplar de menores dimensões corresponde a uma linha de pequenos segmentos impressos interrompidos de orientação variável; no exemplar de maiores dimensões tal faixa foi obtida pelo alinhamento de pequenas depressões sub-circulares, também identificadas em exemplares de outras estações da região, como Freiria (CARDOSO; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, Fig. 17, n.º 8). A associação, num mesmo exemplar da técnica incisa à impressa está presente em diversas estações arqueológicas da região.

Os fragmentos da caçoila da Fig. 9, n.º 10 evidenciam assinalável dispersão pela área escavada, conforme se indica na Fig. 6, indício de existência de remeximentos antigos.

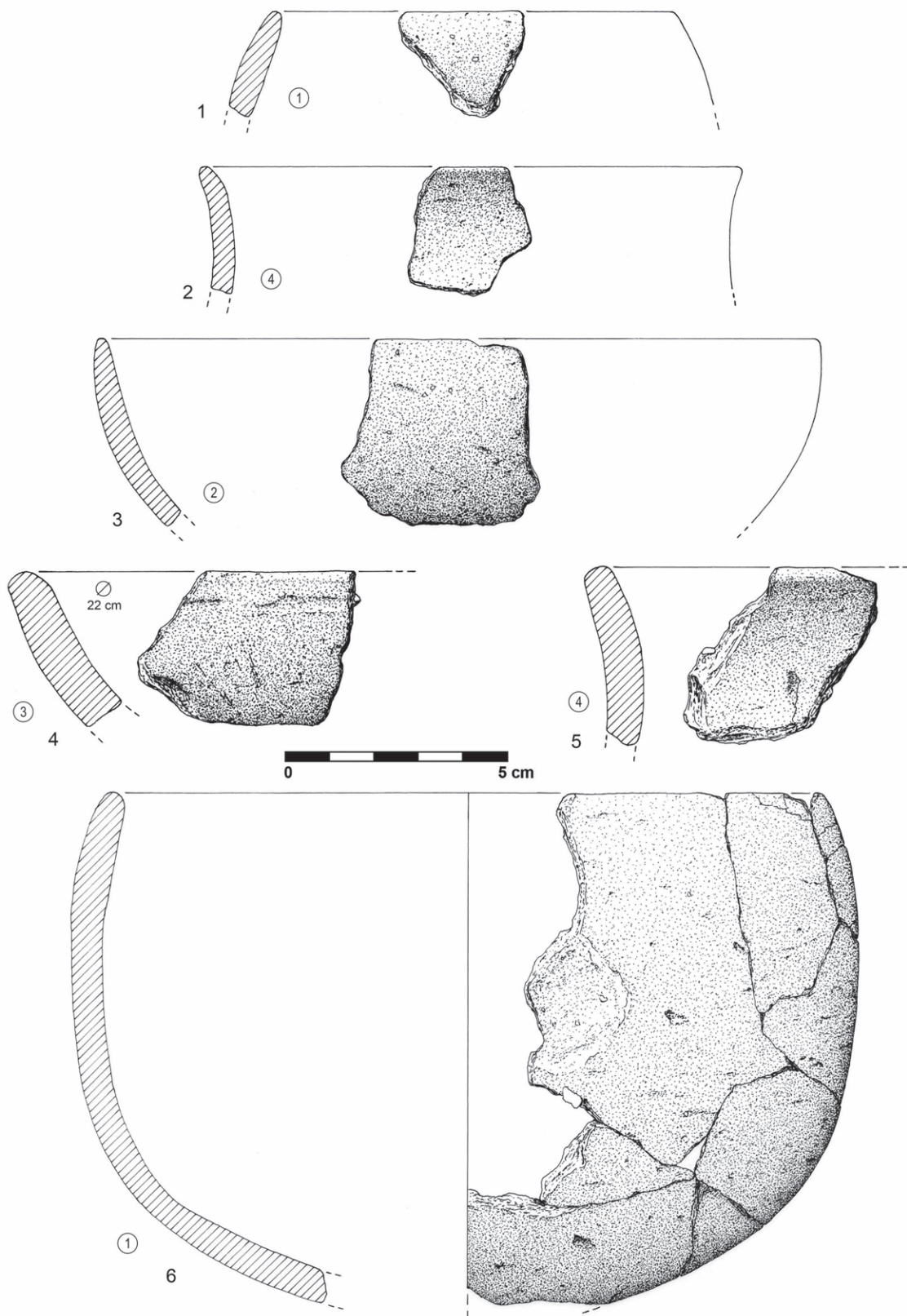


Fig. 7 – Alto do Cidreira. Cerâmicas lisas. A localização de cada exemplar é indicada na Fig. 6. Desenhos de F. Martins.

Alto do Cidreira (Cascais). Quadro tipológico das cerâmicas lisas de acordo com os tipos identificados, recolhidas na intervenção arqueológica.

FORMAS		Cerâmica lisa	
		Diâmetros	Nº. Total de frag.
1		⊙? (4) ⊙ < 20 (9) ⊙ 20-40 (1)	14 (41,2%)
2		⊙? (2) ⊙ < 20 (9)	11 (32,4%)
3		⊙? (1) ⊙ < 20 (1) ⊙ 20-40 (2)	4 (11,8%)
4		⊙? (2) ⊙ < 20 (3)	5 (14,7%)
TOTAL		⊙? (9) ⊙ < 20 (22) ⊙ 20-40 (3)	34 (100%)

Legenda: ⊙ - diâmetro no bordo em cm ; (x) - quantidade de recipientes.

Fig. 8 – Alto do Cidreira. Tipologia dos recipientes cerâmicos lisos.

- grandes esféricos com decorações semelhantes às anteriores, representados apenas por um exemplar (Fig. 9, n.º 8), forma rara, mas também presente em outras estações da região, de natureza doméstica, como Freiria (CARDOSO; CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, Fig. 19, n.º 1; Fig. 21, n.º 8), ou funerária, como a gruta da Ponte da Laje (CARDOSO, 2013, Fig. 6, n.º 3).
- pequenos esféricos, igualmente representados por apenas um exemplar (Fig. 9, n.º 1);
- pequenas caçoilas representadas por um exemplar em boa parte conservado (Fig. 9, n.º 9);
- pequenas taças em calote representadas por pequeno fragmento de bordo de um exemplar (Fig. 9, n.º 5).

A funcionalidade destes exemplares deve relacionar-se com o seu tamanho. Assim, enquanto as grandes caçoilas serviam essencialmente para o armazenamento de produtos, especialmente cerealíferos, os recipientes de menores dimensões, representado pela pequena caçoila, pelo esférico e pela taça em calote, destinaram-se, tal qual o verificado com os exemplares liso, essencialmente para beber.

Apenas se identificou um fragmento com decoração a ponteados, pertencente a forma indefinida (Fig. 9, n.º 4), a par de outros, com decorações incisadas (Fig. 9, n.ºs 2, 3, 6 e 7).

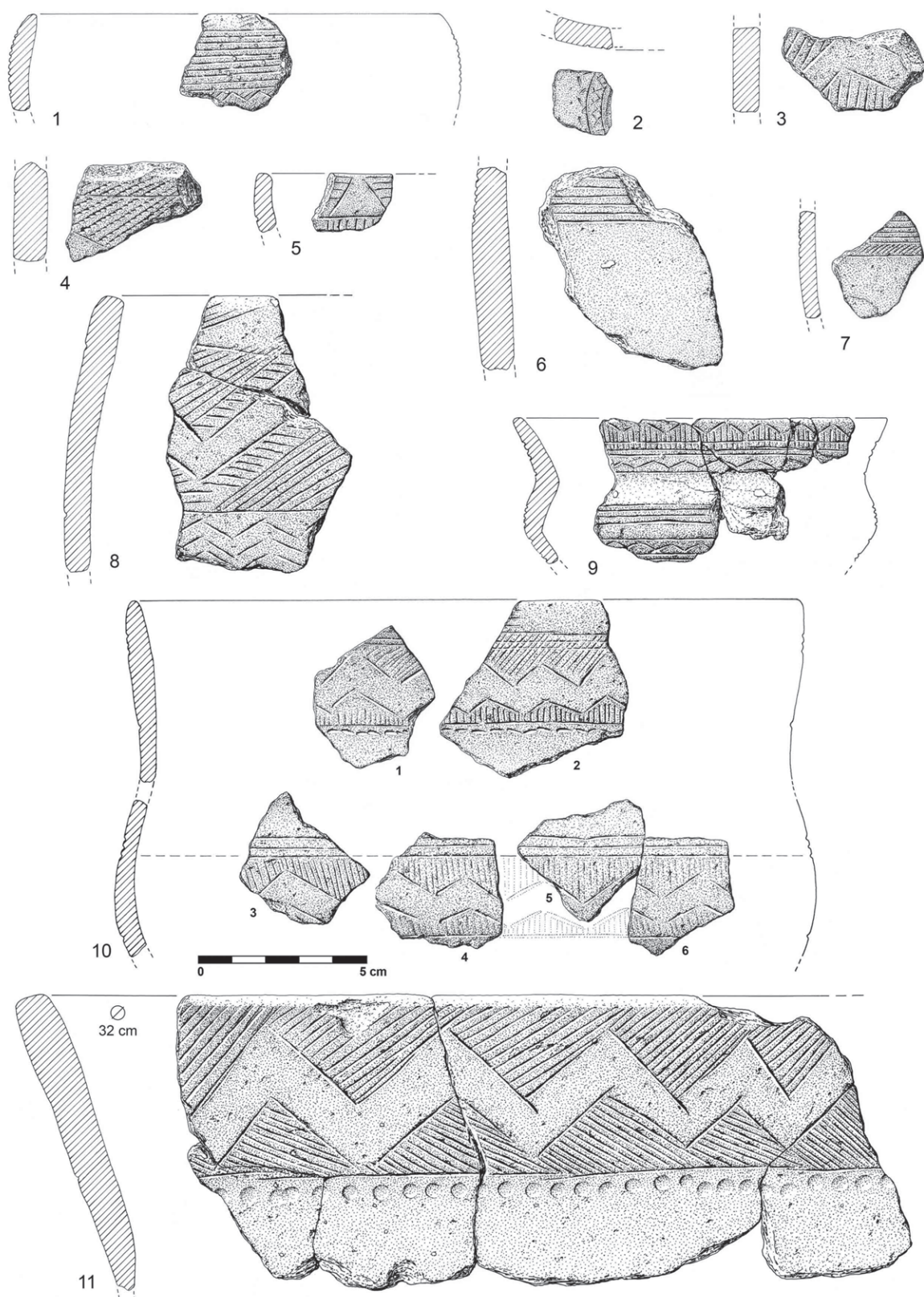


Fig. 9 – Alto do Cidreira. Cerâmicas decoradas. A localização de cada exemplar é indicada na Fig. 6. A caçoila n.º 10 integra diversos fragmentos cuja localização é apresentada na Fig. 6. Desenhos de F. Martins.

4 – CRONOLOGIA ABSOLUTA

Procurou-se datar a ocupação da estrutura habitacional constituída pelo pára-vento e lareira. Para o efeito, recolheu-se amostra do depósito relacionado com o funcionamento desta última, constituído por cinzas e fragmentos de madeira carbonizada, a qual foi remetida primeiramente para estudo antracológico, antecedendo a selecção da amostra para datação.

Com base no relatório de J. P. Tereso, datado de Maio de 2008 (TERESO, 2008), resultou a conclusão da quase totalidade dos fragmentos observados corresponderem a uma única espécie, *Arbutus unedo* L. (medronheiro), arbusto frequente na flora mediterrânea que integra a região, e que pode atingir porte arbóreo, sendo muito apreciado como material combustível. A sua utilização exclusiva ou quase exclusiva nesta estrutura de combustão afigura-se, pois, claramente justificada, até pelo curto intervalo de tempo em que a mesma terá funcionado.

Com efeito, a utilização predominante de uma única espécie tinha sido já identificada nas diversas estruturas de combustão identificadas em Leceia, sítio a cerca de 15 km de distância, onde a espécie preferida para tal fim foi a oliveira/zambujeiro, embora o medronheiro esteja igualmente representado, especialmente na ocupação do Calcolítico Inicial (MONTEIRO & CARDOSO, 2019).

Identificada a espécie essencialmente utilizada como combustível na estrutura de combustão em apreço, e apesar da mesma poder atingir os 200 anos de idade, foi seleccionado um fragmento para datação cuja classificação não oferecia dúvidas, remetendo-o para o laboratório de radiocarbono da Universidade de Uppsala, tendo o resultado sido comunicado a 27 de Agosto de 2009, conforme se indica na Fig. 10:

O intervalo de confiança obtido para 2 sigma, correspondente a cerca de 95% de probabilidade, foi de 2290-2030 cal BC.

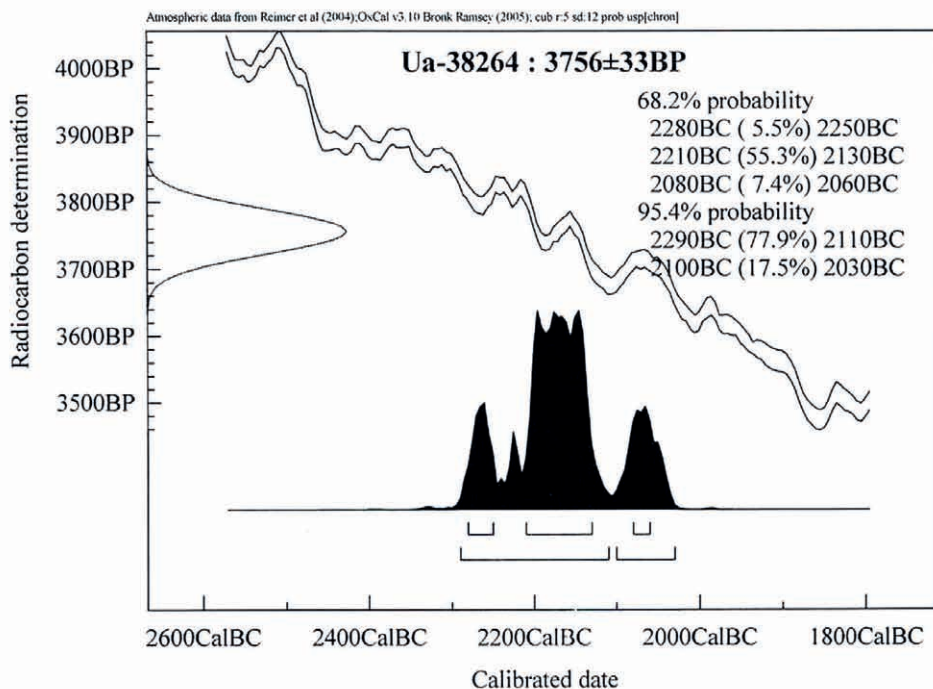


Fig. 10 – Representação gráfica da distribuição de probabilidade da data de radiocarbono obtida na Universidade de Uppsala sobre fragmento de madeira carbonizada de *Arbutus unedo* L. (medronheiro).

Esta cronologia é compatível com as obtidas em outras estações campaniformes da região: para além da proximidade com os resultados respeitantes a Freiria, aliás explicados pela semelhança das produções e natureza da implantação de ambos os sítios, verifica-se que as datas mais próximas são as obtidas nos povoados de altura da Penha Verde (Cabana 2) e da Moita da Ladra (CARDOSO, 2017, Fig. 22), embora em ambos as características das produções campaniformes sejam diferentes, dominadas pelas grupo marítimo, completamente ausente do conjunto em apreço. Esta realidade foi já devidamente justificada por razões de natureza económico-social inerentes às populações que ocuparam a região no decurso da segunda metade do 3.º milénio a.C. (CARDOSO, 2014). A hierarquização do povoamento então existente na região encontra-se expressa pela coexistência de povoados de altura – ocupados por uma elite emergente, associada às produções campaniformes mais finas e de maior qualidade, correspondentes às produções associadas ao vaso marítimo – e povoados abertos ou simples casais agrícolas, espalhados pelos territórios adjacentes, ocupados por populações indiferenciadas, entregues essencialmente à produção agro-pastoril, associadas a produções campaniformes geralmente mais grosseiras nas quais o vaso marítimo, quando ocorre, é residual.

5 – CONCLUSÕES

1 – A escavação preventiva realizada no Alto do Cidreira, Cascais em 2007 permitiu identificar o embasamento de um pára-vento constituído por um alinhamento pétreo, com cerca de 3,0 m de comprimento e orientação NE-SW, o qual foi interpretado como sendo destinado a protecção de estrutura de combustão localizada do seu lado SE, deste modo abrigada dos ventos que na região sopram predominantemente de NW.

A referida estrutura de combustão, por seu turno, foi construída no interior de “cuvette” escavada no substrato geológico, cuja parte mais funda foi preenchida por elementos líticos heterométricos e irregulares, podendo constituir um empedrado acumulador de calor (lareira-calorífero). Na periferia deste possível empedrado e ainda no interior da “cuvette” previamente aberta, identificaram-se três buracos de fixação de troncos de madeira, de diferentes dimensões, os quais se podem relacionar funcionalmente com um tripé destinado a suspender sobre fogo ou o calor emanado do empedrado alimentos que careciam de preparação, para além da sua possível utilização no talhe do sílex, conforme é sugerido pelos vestígios térmicos que muitos dos subprodutos do talhe ostentam. A efectiva realização de fogo nesta estrutura encontra-se claramente demonstrada pelos depósitos de cinzas e carvões acumulados na sua periferia, no interior da referida “cuvette”, que permitiram a obtenção de uma datação pelo radiocarbono.

Deste modo, as duas estruturas identificadas – pára-vento e lareira-calorífero – encontram-se estreitamente relacionadas, devendo situar-se a céu aberto e estarem articuladas com uma estrutura doméstica de maiores dimensões, que poderia ser uma cabana circular, como as identificadas em Freiria, ou de planta elipsoidal, como as duas exploradas em Leceia. Tal estrutura, que não foi identificada na área escavada, poderia mesmo não ser a única existente no local, corporizando assim a hipótese de se estar perante um pequeno povoado aberto, implantado em encosta suave voltada a sul, em situação semelhante à identificada em Freiria, a cerca de 10 km de distância. Pelas suas características, tratar-se-ia de uma unidade doméstica de vida curta, provavelmente com uma duração de apenas alguns meses.

2 – Os espólios arqueológicos exumados integravam a panóplia em uso pela pequena comunidade instalada no local, aquando do seu abandono. De facto, os fragmentos cerâmicos evidenciam fracturas frescas, contrariando a hipótese de transporte de outro local situado a montante.

3 – No respeitante às indústrias líticas, exclusivamente constituídas por objectos de sílex, matéria-prima facilmente obtida nos calcários cretácicos da região, há a registar a sua assinalável diversidade, apesar do

escasso número de instrumentos identificados. Dois deles, ainda em esboço – uma ponta de seta e uma folha bifacial, a par de um pequeno núcleo de lamelas, configuram a prática da preparação local de certos artefactos, sublinhada pela recolha de centenas de numerosos subprodutos de talhe representados por largas dezenas de rebotalhos e de esquirolas de sílex, muitas vezes recorrendo a tratamento térmico, que entretanto não foram objecto de aproveitamento, evidenciando as mesmas variedades de sílex em que foram executados os escassos instrumentos identificados.

Deste modo, é de admitir que o local correspondesse a um pequeno atelier de fabrico de artefactos de sílex, que funcionou por período limitado de tempo, recorrendo, para o respectivo tratamento térmico, à utilização da lareira-calorífero montada a céu aberto ao abrigo do pára-vento. Assim sendo, os escassos instrumentos em estado de uso identificados faziam parte integrante da utensilagem dos artífices que ali trabalharam o sílex, realidade sublinhada pela sua assinalável diversidade.

Entre estes, é de registar a presença de uma lâmina com um dos bordos serrilhados e com “lustre de cereal”, com paralelos em outros contextos calcolíticos/campaniformes portugueses, configurando evolução tecnológica entre os pequenos elementos de foice neolíticos, sobre lamela ou lâmina não serrilhada e os elementos de foice sobre lasca, de fio fortemente denticulado do Bronze Final.

4 – No tocante às produções cerâmicas, os exemplares decorados são na sua totalidade campaniformes, sendo quase exclusiva, exceptuando-se um exemplar, a técnica incisa. Conjuntamente com o verificado com as produções lisas, o seu tamanho e acabamento configura utilizações distintas, relacionadas com o armazenamento, a confecção e o consumo de alimentos, incluindo recipientes para beber, que, no seu conjunto, se encontram claramente integrados no quotidiano da pequena comunidade ali instalada. É nesta perspectiva que se deve enquadrar a ausência de artefactos de pedra polida, e apenas um de pedra afeiçãoada, representado por um movente de mó manual.

5 – Obteve-se datação pelo radiocarbono comunicada pela Universidade de Uppsala de uma amostra de *Arbutus unedo* L. (medronheiro), que corresponde à espécie essencialmente utilizada como combustível na estrutura de combustão identificada. Apesar de a mesma poder ter em casos excepcionais atingir os 200 anos, considerou-se que no caso em apreço teriam sido com toda a probabilidade pequenos ramos ou troncos o material utilizado. Deste modo, o resultado obtido foi considerado fiável, situando a ocupação arqueológica em causa no decurso do 4.º quartel do 3.º milénio a.C.

6 – A cronologia absoluta obtida para esta ocupação, comparada com as conhecidas em outros sítios da região ribeirinha da margem norte da foz do Tejo vem reforçar o princípio, enunciado por um de nós (J.L.C.), da coexistência dos diversos grupos tipológicos em que as produções campaniformes na Estremadura têm sido associados, cuja diferenciação se explica, não por qualquer evolução interna de carácter diacrónico, mas simplesmente em função da natureza dos sítios onde ocorrem. Assim, nos povoados de altura, onde se concentravam as elites emergentes, a partir da qual administrariam um determinado território envolvente, eram as produções mais finas que predominavam, enquanto que, nos pequenos casais agrícolas dispersos pelos territórios adjacentes, ocupados pelo segmento populacional mais indiferenciado, eram as produções menos sofisticadas que dominariam. É essa a conclusão que, com este contributo, se confirma, atendendo à natureza da implantação, à sua cronologia e às características das respectivas produções cerâmicas campaniformes, de onde se encontra totalmente ausente as produções finas associadas ao vaso marítimo.

7 – Em conclusão, demonstrou-se, pela primeira vez no território português, uma pequena oficina campaniforme especializada no talhe do sílex, activa durante curto espaço de tempo no decurso do último quartel do 3.º milénio a.C., como sugere a própria natureza dos vestígios de recolhidos e as estruturas a eles directamente associadas.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, J. L. (1995) – Ocupação campaniforme do povoado de Montes Claros. In JORGE, S. O. (coord.), *A Idade do Bronze em Portugal - Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 35.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (2013) – A necrópole campaniforme da gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 589-604.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid.71 (1), p. 56-75 (doi: 10.3989/tp.2014.12124).
- CARDOSO, J. L. (2017) – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Estudos & Memórias, 10), p. 126-141.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2013) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 357-524.
- CARDOSO, J. L.; CARDSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. d' (2013) – O campaniforme de Freiria (Cascais). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) – bOcupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. & LOPES, F. P. (1996) – A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 301-316.
- CARVALHO, A. F.; CARDOSO, J. L. & GIBAJA, J. (2013) – Insights into the earliest agriculture of Central Portugal: sickle implements from the Early Neolithic site of Cortiços (Santarém). *Comptes Rendus Palevol* (Academia das Ciências de Paris), 12, p. 31-41.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Culture of Spain and Portugal*. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University, Cambridge-Massachusetts.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1948) – Lisboa há 4000 anos. In *Lisboa e o seu termo. Estudos e documentos*, vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 49-98.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1944) – Estação pré-histórica de Montes Claros-Monsanto. *Revista Municipal*. Lisboa, 5 (20/21), p. 17-28.
- MONTEIRO, P. D. & CARDOSO, J. L. (2019) – Contributo para o conhecimento do coberto vegetal no decurso do 3.º milénio a.C. na região de Oeiras: resultados dos estudos antracológicos de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 75-86.
- TERESO, J. P. (2008) – *Estudos antracológico do Alto do Cidreira 1 (Alcabideche, Cascais)*. Porto: CIBIO/ FCUP. Relatório não publicado.
- VALERA, A.; BOTTAINI, C. & BASÍLIO, A. C. (2020) – A deposição de uma alabarda em contexto campaniforme na área central do recinto dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 14, p.41-49.